



ENTREVISTA

**“Não se faz extensão partindo do  
pressuposto de que eu sei o que o outro  
precisa”**

*Lourival José Martins Filho*

*Lourival José Martins Filho é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC). É Pós-doutor em Educação e Humanidades. Editor-Chefe da Revista Linhas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UDESC). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ - Nível 2. Leciona nos cursos de Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação e Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação. Coordena e realiza estudos com ênfase no processo de alfabetização de crianças, jovens, adultos e idosos e nas relações entre a formação docente e os processos de inclusão. Possui experiência em docência e coordenação pedagógica na Educação Básica e Superior. Atualmente é Integrante do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, Articulador do Fórum Catarinense de Alfabetização e Presidente da Associação Brasileira de Alfabetização.*

**Caminho Aberto - Iniciando a nossa entrevista, eu gostaria de saber, na sua opinião e considerando toda sua experiência de professor, como a extensão pode contribuir para a construção de comunidades locais/globais menos excludentes e desiguais?**

**Lourival José Martins Filho** - Inicialmente, eu gostaria de dizer para vocês que eu estou aqui no Laboratório e Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente (NAPE) da UDESC. E há 35 anos este laboratório vem procurando desenvolver a tríade ensino, pesquisa e extensão, que deve ser aquilo que torna excelente uma universidade. Quando a gente fala em extensão, é uma coisa muito pulsante e intensa, porque a extensão é aquela contribuição, é aquela socialização, aquele retorno, aquela partilha do que que a gente vem pesquisando e aprendendo com as próprias comunidades onde a gente está inserido. Então, socializar aquilo que é decorrente da pesquisa, dos campos de conhecimento, das trocas de experiência, das próprias aprendizagens entre a instituição formadora e a comunidade é algo que por si só é inclusivo. Eu acho que o IFSC, a UDESC, as instituições de excelência, as universidades e faculdades das mais diversas áreas de conhecimento devem "sair para fora", devem dialogar e fazer a inclusão na prática enquanto ação que reverbera na melhoria dos processos, dos produtos, dos diálogos, das construções coletivas.

Nesse sentido, a universidade, os centros de pesquisa, os institutos, a partir daquilo que produzem de ponta, podem, no diálogo com as comunidades, possibilitar a troca, a socialização e a aprendizagem. A experiência aqui no NAPE/UDESC, que é mais voltada para a formação de professores de educação básica, mostra que a extensão retroalimenta o ensino e a pesquisa na perspectiva de pensar que estamos em lugares diferentes, mas somos sujeitos de aprendizagem. Então, a extensão torna isso possível. A extensão é o que nos ensina que só estamos em espaços diferentes, mas somos todos sujeitos cognoscentes. Então, não existe o professor-pesquisador encastelado (como se fosse detentor da última palavra) e o professor da educação básica como se fosse dependente do saber do professor-pesquisador. É uma cumplicidade e o que retroalimenta é a extensão. Então, nesse sentido, toda instituição contemporânea de pesquisa e de

formação docente precisa da extensão como possibilidade não apenas de intervir, mas, sobretudo, de aprender. Nós trabalhamos muito nesta perspectiva aqui no NAPE. Não de uma extensão intervencionista, mas uma extensão de partilha, de troca de saberes, de diálogos e, nesse sentido, ela contribui com a comunidade numa perspectiva menos excludente, menos desigual e que luta contra qualquer forma de intolerância, de discriminação e de preconceito. Nós chamamos a nossa extensão de ação partilhada. Não é uma extensão que vai apenas ajudar a resolver, pois ao ajudar a resolver, também, os nossos problemas são resolvidos. A extensão é essa integração entre ensino e pesquisa na perspectiva de fazermos juntos.

### **Caminho Aberto - De que forma a indissociabilidade entre a extensão e a pesquisa científica pode ser materializada na formação docente?**

**Lourival José Martins Filho** - Esse laboratório, o NAPE, já formou 16.000 professores alfabetizadores por toda Santa Catarina. Ao fazer essa formação por meio daquilo que a gente chama de profissionalização docente, a extensão contribui com esse processo. Quando falamos em profissionalização docente, estamos nos referindo à formação inicial que se dá no curso de licenciatura e também à formação continuada que se dá no âmbito das redes e sistemas de ensino com a parceria da universidade nesse processo de formação docente. Vejam que desde 1988 o NAPE já realiza a extensão. E desde 2004, no meu caso, em parceria com as redes e sistemas de ensino nos processos de alfabetização de crianças, jovens, adultos e idosos. Essa aproximação com as redes e sistemas de ensino, em especial em Florianópolis, foi o que trouxe de forma inédita aqui para a faculdade de educação uma turma de alfabetização de jovens e adultos e um polo de EJA (Educação de Jovens e Adultos) da prefeitura de Florianópolis. A extensão permite que, ao aproximar-se da comunidade da educação básica, dos professores, de quem atua na ponta, possamos aprender junto com eles e, inclusive, ressignificar os currículos, ressignificar a nossa prática pedagógica. Enquanto professor universitário, eu diria que, às vezes, a gente se coloca como professor formador, na perspectiva de que não precisa mais se formar. Quem é que forma o professor formador? É a extensão que faz esse papel. Quando a gente tem a humildade de inclusive aprender com o professor que está lá na educação básica - que talvez não tenha o mesmo plano de carreira, que talvez não tenha a mesma possibilidade de fazer pesquisa - mas que é um sujeito cognoscente, que tem saberes diversos sobre a sua atuação e pode, por meio do diálogo oportunizado pela extensão, colaborar muito na formação do professor e pesquisador. Essa é outra questão em que a extensão é fundamental, porque a pesquisa científica pode ser hermética, fechada em si mesma, ou ela pode ser colocada à prova.

Aqui no NAPE, nós trabalhamos muito na perspectiva da pesquisa-ação, vivendo o problema juntamente com aquele professor da educação básica. Então, por exemplo, perguntamos: Que relações de poder permeiam o trabalho da equipe pedagógica da rede municipal de ensino de Florianópolis? Em que medida jogos pedagógicos estão colaborando no processo da organização de crianças autistas na rede municipal de ensino de Biguaçu? Como pode ser melhorada a construção do projeto pedagógico das escolas municipais da rede municipal de ensino de

Palhoça? Todas essas questões, elas não vão nascer de um sonho. Elas surgem da vivência da extensão no contato com essas redes pelas próprias dificuldades que os professores vão trazendo. Então, aqui no NAPE, por exemplo, todo ano os municípios encaminham propostas de formação, sugestão de formação e nós vamos atendendo em parceria. Às vezes, não conseguimos atender todas as demandas. O nosso programa de extensão já está na sua 15ª edição. Ele vai mudando de nome (já foi chamado de Safira, já foi chamado de manhã, já foi chamado Horizonte), mas a grande questão é fazer junto com o professor da educação básica a partir da sua necessidade. Não acreditamos mais em formações episódicas em que pessoas nos seus gabinetes decidem o que o outro precisa escutar. A verdadeira formação tem que ser mais demorada. A verdadeira formação tem que partir da necessidade. Estou falando aqui especificamente do nosso laboratório. Então, às vezes, aquele que está na prática pedagógica está precisando aprender como é que se faz um planejamento integrado nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Não adianta irmos lá depositar o que eu acho prudente para esse grupo. Quando eles estão pedindo como se faz planejamento integrado nos anos iniciais do ensino fundamental, isso só é possível por meio da extensão. Então, é o ensino que se alimenta da extensão, a extensão que se alimenta da pesquisa e a pesquisa que se alimenta da extensão, gerando processos formativos de maior qualidade.

**Caminho Aberto - Você é um dos coordenadores do Laboratório de Estudos e Pesquisas Didática e Formação Docente (NAPE/UEDESC). Nesse sentido, gostaríamos de saber se há no grupo trabalhos que aproximam a extensão da formação de professores? Como vêm sendo desenvolvidos?**

**Lourival José Martins Filho** - Olha, eu acho que é uma continuação da segunda questão, bem pertinente. Está evidente que a profissionalização docente é um ato contínuo. O sujeito, ao fazer a sua formação inicial em Pedagogia, por exemplo, é claro que vão faltar saberes pedagógicos, curriculares, didáticos, linguísticos que ele vai ter que se apropriar na sua caminhada profissional. Nós somos contra à epistemologia da prática, de achar que tudo vai ser aprendido na prática. A formação inicial tem que garantir os saberes necessários para que o sujeito exerça a sua profissão com qualidade. Mas toda a profissão necessita de aperfeiçoamento contínuo. E aí entra o papel da extensão na formação de professores. Um exemplo: na formação inicial, as pessoas fazem 60 horas ou, no máximo, 120 horas de disciplinas de alfabetização. É claro que ela vai discutir a dimensão da política educacional, a faceta curricular, a faceta pedagógica. Mas tem muitas facetas, como a linguística, que necessita de aprofundamento. Essas especificidades (que são além daquilo que é oportunizado na formação inicial e que são trazidas pelos professores) é que acabam sendo os nossos momentos de extensão com as redes de ensino, em especial, na grande Florianópolis, por exemplo. É uma extensão que surge a partir das necessidades daquelas pessoas na sua própria prática pedagógica e a partir dos diferentes campos de conhecimento. É claro que eu falo mais de alfabetização porque é a área que sou efetivo como professor do Departamento de Pedagogia. Então, a extensão vai nessa perspectiva de colaborar com o professor para o

exercício da sua prática pedagógica. Se eu fosse dar uma dica, uma pista para as instituições de ensino é que *não se faz extensão já partindo do pressuposto de que eu sei o que o outro precisa*. Só se faz extensão de qualidade quando eu tenho a humildade de saber, como diria Paulo Freire, de que não há saber mais, nem saber menos. Há saberes diferentes. Eu escuto o outro a partir da escuta sensível e acolhedora. Eu posso propor junto com eles ações de extensão compartilhadas porque aí a gente participa de editais e faz os programas de extensão junto com as redes de ensino. É aprendizagem mesmo. É um momento de calçar um pouco as sandálias da humildade e entender que os professores da educação básica têm muito a nos ensinar no seu processo de formação. E a extensão acaba sendo esse elo. Eu gostaria de dizer que nem todo professor tem que ser excelente nas três áreas (ensino, pesquisa e extensão). Tem professor que tem excelência no ensino. Tem professor que tem excelência na pesquisa, tem professor que é excelente na extensão. Estou falando da excelência, mas o básico é que todo bom professor seja também um extensionista, ou seja, ele tem que sair, tem que se desencapsular, tem que ir para a comunidade.

**Caminho Aberto - As métricas e exigências para dar maior visibilidade e impacto internacional às publicações acadêmicas produzidas no âmbito dos processos formativos vêm sendo colocadas mais fortemente na atualidade. Como você avalia esse movimento?**

**Lourival José Martins Filho** - Olha, eu posso avaliar este movimento falando pela dimensão da UDESC. Isso só é possível com política institucional consolidada, que colabore com esse professor no processo de internacionalização. Aqui na UDESC, nós temos o PROINTER e o PROEVEN. O PROEVEN é quando, a partir da realização de um Congresso Internacional, eu posso propor a apresentação do trabalho, uma ação integrada com a instituição que me recebe. Aí o professor tem esse apoio. O PROINTER é quando o professor já tem uma pesquisa consolidada. Como a universidade é internacional, ele vai para realizar ações de pesquisa com aquela universidade. Aqui no NAPE nós temos intercâmbio com Portugal, Espanha e com o Uruguai. Atualmente, a gente coordena uma pesquisa que é *"O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita: a formação inicial no Uruguai, Espanha e Portugal"*. Então, eu estou querendo dizer que tem que ter base material. Os professores, os pesquisadores precisam de políticas institucionais que ajudem a fazer este movimento em relação às métricas e exigências. Eu penso que a publicação internacional é necessária, é fundamental, mas a partir do próprio trabalho que vai sendo realizado. Então, aqui no NAPE, nós temos todo esse trabalho de acompanhamento aos professores dos anos iniciais, a questão da alfabetização.

Agora, nós estamos ampliando a experiência buscando saber, por exemplo, como é que se dá o ensino da língua, da língua materna e a formação de professores no Uruguai, em Portugal e em Moçambique. Então, ao ter esse contato, é preciso ter essa possibilidade de base material que ajude com os custos de passagem, suporte para hospedagem, de diárias e tudo mais para que o professor possa ter essa possibilidade das publicações em parceria. Considerando a minha veia extensionista, eu não acredito em publicação em parceria que seja apenas para atender esta ou aquela exigência, métrica ou lógica de publicação. Eu acho que tem que ser fruto de uma relação.

Então, por exemplo, agora em junho, eu estou indo para ministrar uma formação de extensão e pesquisa na Escola de Educação Superior de Lisboa e, em novembro, a professora Dalila Lino vem aqui na UDESC ministrar uma formação sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna em Portugal. São parcerias que vão sendo consolidadas. E aí a publicação é fruto desta relação de fazer ciência com consciência, vivendo-a. E se, nesse processo, a gente conseguir emplacar uma publicação fruto da própria caminhada, é maravilhoso. Agora, se for apenas para escrever e não ter essa relação, sendo apenas para atender as métricas, não seria condizente com aquilo que eu acredito. Eu acho que a gente precisa dizer para o mundo, numa sociedade global da informação, de conhecimento, o que a gente faz de bom, as possibilidades concretas na formação de professores. Eu avalio este momento da seguinte forma: se é algo da minha caminhada como professor-pesquisador, realizar a parceria, fazer pesquisas juntos e produzir conhecimento em função disso, eu estou dentro. Se é algo apenas para atender uma lógica quantitativa mercantilista, não adianta nada. Então, por exemplo, eu estou num Programa de Pós-graduação em Educação. Não adianta que o sujeito tenha um artigo publicado internacionalmente numa revista de altos estratos em língua inglesa, mas que aquele artigo não tem nenhuma aderência à linha do Programa de Pós-graduação do qual ele faz parte.

**Caminho Aberto - A revista Linhas, do Programa de Pós-graduação da UDESC já está nesse caminho de internacionalização? Como estão se preparando para essa realidade?**

**Lourival José Martins Filho** - Estamos na preparação para essa realidade e, em princípio, na realização de projetos integrados com universidades. Especialmente, em cada edição da revista Linhas é necessário um artigo Internacional. Em cada organização de dossiê também. Os nossos dossiês passam por seleções, as pessoas participam. Os dossiês são aprovados no comitê editorial. Então, a nossa seleção é dos proponentes do dossiê. A seleção dos artigos para o dossiê são dos proponentes que, depois, vêm para a comissão editorial da revista para análise. Então, na proposta do dossiê é preciso ter uma contribuição internacional. Nosso próximo dossiê é sobre a *Educação de Jovens e Adultos*. Nesse sentido, tem que ter, no mínimo, seis artigos nacionais (de diferentes pontos do Brasil), não pode ter endogenia e conter apenas artigos da região sul e sudeste. Tem que priorizar o norte, o nordeste e o centro-oeste (todas as regiões do país com pesquisadores na área). E deve ter, também, uma publicação internacional vinculada ao dossiê.

Nesse caminho da internacionalização, além de tornar a revista Linhas mais conhecida em outras bases, vamos participar de um edital interno específico para essa proposta da internacionalização. E podemos dizer que a internacionalização da Linhas corresponde também ao processo de internacionalização do próprio Programa de Pós-graduação em Educação da UDESC, ao qual a revista é vinculada. Nessa perspectiva, ação de internacionalização é pesquisa e extensão construídas em parceria. É uma publicação que se revela em ação compartilhada, troca de experiência, ou seja, fazer projetos de extensão e pesquisa integrados. É exercício tecido pelos pesquisadores de ambas instituições participantes com a internacionalização do programa.

Espera-se também que a revista Linhas possa acolher ainda mais artigos dessa parceria de internacionalização, mas ainda é um desafio porque estamos iniciando esse processo aqui.

**Caminho Aberto - A curricularização da extensão é uma das exigências do Plano Nacional de Educação vigente. De acordo com a legislação, devem ser assegurados, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em projetos de extensão, prioritariamente em áreas de grande pertinência social. Na sua visão, como as Instituições de Ensino Superior podem integrar a extensão ao currículo dos cursos de formação de professores?**

**Lourival José Martins Filho** - Eu diria que na UDESC estamos bem nesse processo de construção. Já existe uma comissão no âmbito da faculdade de educação para que se torne realidade nas matrizes curriculares dos cursos de licenciaturas. Temos até outubro de 2023 para que os cursos de licenciaturas possam fazer essa adequação curricular, considerando também as atividades de extensão. Eu tenho uma compreensão que nós já fazemos isso com maestria. A extensão está muito presente na vida do acadêmico. Mas em termos de matriz curricular, ainda estamos com uma comissão que vai terminar esse trabalho até outubro, ocasionando reformas curriculares. Essa comissão é coordenada pela Direção de Ensino de Graduação e os departamentos estão nessa fase de estudos. Há resistências à adesão. Eu penso que esse processo - tu sabes que currículo é um espaço de poder - então, eu poderia dizer mais a partir de outubro como é que estamos. Há de se dizer que somos muito fortes em extensão aqui no Departamento de Pedagogia da UDESC. Temos uma longa tradição de extensão. Nesse sentido, creio que será uma discussão importante e que até outubro as licenciaturas vão ter sua reforma realizada. Voltando à questão anterior, eu diria também, para você que aí trabalha na revista, que o maior desafio é ter um corpo de avaliadores comprometidos com o processo da revista. Eu penso que essa é uma conquista da revista Linhas (ter avaliadores de ponta para os diferentes campos). Eu tenho um time de peso disposto a avaliar os artigos, não apenas de forma generalista. Eu acho que o maior desafio de qualquer editor-chefe é ter um corpo de avaliadores que seja proativo cientificamente. Voltando à última pergunta, diria que, atualmente, aqui na faculdade de educação essa é uma tensão entre professores que querem a curricularização da extensão e os docentes que questionam um pouco isso. Importante deixar claro que esses docentes não questionam a extensão, mas questionam a atribuição de carga horária obrigatória na matriz curricular. Nós temos até outubro para resolver esse problema.

**Entrevista realizada por Fabrício Spricigo, Doutor em Educação e editor-chefe da revista Caminho Aberto.**